

Apresentação

Ana Paula Galvão de Meira*
Jaisson Teixeira Lino**

“As pessoas podem desligar a tevê não só porque uma constante dieta de imagens de violência tornou-as indiferentes, mas porque têm medo. Como todos já observaram, existe uma curva ascendente da violência e do sadismo aceitáveis na cultura de massa: filmes, programas de tevê, quadrinhos, jogos de computador. Uma imagística que teria feito o público encolher-se e virar a cara de nojo quarenta anos atrás é vista sem sequer um piscar de olhos por qualquer adolescente nos cinemas. De fato, para muitas pessoas na maioria das culturas modernas, a brutalidade física é antes um entretenimento do que um choque. Mas nem toda violência é vista com igual distanciamento. Algumas desgraças são mais passíveis de ironia do que outras.”

Susan Sontag em Diante da dor dos outros, 2003.

A escritora, ensaísta e ativista estadunidense Susan Sontag (1933-2004) refletiu durante parte da sua trajetória intelectual, de modo plural e inesgotável, sobre os usos da violência como espetáculo a ser consumido pela sociedade, transformado em mais um produto da modernidade (SONTAG, 2003). Existem inúmeros caminhos interpretativos para nos debruçarmos sobre o fenômeno da violência, aliás, e melhor colocado, das violências em suas dimensões experienciadas. O Dossiê *Estudos sobre Violência* fora pensado como extensão dessas dimensões; a violência no campo teórico do conhecimento.

Nosso intuito, com o dossiê, esteve pautado na busca por pesquisadores e pesquisadoras das mais variadas regiões do país, os quais possuem como fio condutor de seus objetos de análise, as experiências da violência na sociedade brasileira. Como sublinhado pelo sociólogo Michel Maffesoli (1987) as variáveis das práticas de violência são constantes nas sociedades e possuem relações íntimas com a própria estrutura do ser humano, tratando-se de um fenômeno da humanidade. Para o teórico há uma tríade que sustenta as manifestações da violência nas organizações humanas: violência banal, violência anômica e violência totalitária.

Ao analisar a violência que se apresenta nas relações cotidianas, há a possibilidade de visualizarmos os aspectos salientados por Michel Maffesoli, em relação à violência banal, a qual se caracteriza por elementos astuciosos daquele que pratica a violência. A violência como fenômeno sociocultural é um caminho possível de análise para identificar o cotidiano e as relações sociais. Por esta tônica, entende-se que a violência: “[...] do homem não está na sua natureza, está no ajustamento cultural, que se dá na ordem da cultura, de certas relações de ordem conflitual.” (PERUZZOLO, 1990, p. 95).

Sobre esta temática, não podemos nos distanciar das inquietações em relação às produções de verdade, tangenciadas pelo e no discurso, a partir dos estudos de Michel Foucault (1926-1984). De

* Doutora em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora substituta na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus Nova Andradina. E-mail: ana.g.meira@ufms.br.

** Pós-Doutor em Arqueologia pela Universidade de Amsterdã (Holanda). Professor Associado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó-SC. E-mail: lino@uffs.edu.br.

certo modo, as reflexões que compõem a fase arqueo-genealógica¹ do filósofo tornaram-se basilares nos estudos das manifestações do poder nas esferas públicas e privadas, o que abrange a violência em suas mais dimensionadas formas. A contribuição do pensamento de Michel Foucault para os estudos sobre violência, é inquestionável. A partir dele reverberam as problematizações sobre os usos da violência nas instituições, nos espaços de ordem e nas próprias relações banais e cotidianas entre os sujeitos.

Assim, o seguinte dossiê apresenta-se na ânsia em ampliar o diálogo sobre as práticas de violência, suas significações e ressignificações nos diferentes saberes. Abre o dossiê Lucas Pereira de Oliveira com o artigo *A justiça, a violência e a micro-história de um crime: o caso de Eudócia e Porfírio na Comarca de Senador Pompeu/CE (1920-1922)*. O texto convida o/a leitor/a a refletir sobre os usos da violência na tentativa de resolução de conflitos, além de evidenciar as nuances da ação penal dentro da justiça brasileira. Ao voltar sua lupa teórica da micro-história para o crime de homicídio, ocorrido nos primeiros dias do ano de 1920, o autor aciona reflexões sobre honra e as noções de verdade que contornavam os discursos de magistrados no início do século XX. A violência latente na trajetória dos personagens Eudócia Ponciano, Porfírio Ponciano e Ismael Benigno na espacialidade sertaneja das primeiras décadas da República Brasileira, adquire por meio da narrativa sensível do autor, o caráter nodal das intempéries dos sujeitos comuns que tiveram suas vidas atravessadas pelo campo jurídico e o direito penal.

O artigo *A morte de Sabina Thereza de Jesus: crime, cor e relações verticais no Acarape (CE) oitocentista* é uma análise de Alan Philipe Moreira Silveira, que partindo de um crime brutal ocorrido no mês de novembro de 1876, amplia sua perspectiva reflexiva para os descaminhos de Manoel Franklin de Araújo, o Manoel Vovó personagem recorrente na feira do Acarape, o qual durante uma das suas incursões na aguardente, no ano de 1881, descarrilou a falar sobre sua participação na morte de Sabina. O cotidiano rural do norte cearense oitocentista, é palpável com as escolhas narrativas do autor, que assim como seu conterrâneo Lucas Pereira de Oliveira, nos provoca a refletirmos sobre

outras maneiras de existências, que pelos infortúnios da vida, ladearam as páginas criminais do Ceará.

O terceiro artigo do dossiê trata da Penitenciária da Pedra Branca, em Florianópolis-SC, no período do Governos Vargas no Brasil, e em parte, durante o governo estadual de Nereu Ramos, em Santa Catarina, com recorte temporal centrado na década de 1930. Intitulado *A penitenciária de Florianópolis (Pedra Branca) no governo Nereu Ramos (1935-1945): a implantação do sistema penal moderno em Santa Catarina*, o autor, Antonio Luiz Miranda, apresenta um estudo, com uso de interessante documentação primária (como os relatórios da referida penitenciária), de como, ainda durante a década de 1930, a prisão da Pedra Branca sofreu transformações, tanto físicas (com os melhoramentos de sua estrutura), como institucionais, acompanhando, a partir de 1935, os ideais totalitários paulatinamente implantados no Brasil pouco tempo antes do golpe do Estado Novo, onde iniciou-se um maior controle, repressão e eugenia dentro das instituições prisionais do país, acompanhando as ideias internacionais de maior controle (e menor tolerância) da comunidade prisional. Entrementes, também apresenta elementos do cotidiano e de resistências (como fugas e rebeliões), em resposta aos atos repressivos lá impostos.

O uso da violência como mantenedor da ordem do Estado moderno, e suas apropriações pelo imaginário alegórico da espetacularização da morte, é o tema do artigo *Cabeças cortadas e o “fim do cangaço” em cores: imaginação e memória a partir do trabalho de colorização de imagens*, de autoria de Francisco Wilton Moreira dos Santos. Por meio da análise da fotografia das “cabeças cortadas”, despojos do bando de Lampião em 1938, o autor se debruça sobre o processo de colorização do artista plástico Rubens Antonio da Silva Filho, e as ressignificações do cangaço suscitadas pelos meios digitais.

Emerson Neves da Silva apresenta o artigo *Dependência, contrarreforma e violência agrária na América Latina: o conflito no campo brasileiro em perspectiva (2000-2020)*, onde, a partir da teoria da dependência marxista aplicada à América Latina, discorre sobre os processos históricos desse subcontinente que levaram, em um primeiro momento, no século XX, à governos populares e

progressistas, e, como resposta, as contrarreformas neoliberais e, em certos casos, conservadoras, que se acentuaram a partir do início do século XX, em países como Paraguai, Argentina, Bolívia, Equador e Brasil, sendo este último país, colocado em estudo de caso, na associação dos golpes neoliberais com a violência inerente do capitalismo latifundiário imposta sobre as populações do campo, como agricultores familiares, indígenas, quilombolas, etc, sendo que, na parte final do texto, analisa ações institucionais, como a “Medida Provisória da Grilagem”, que foram sendo criadas a partir do golpe que destituiu a presidenta do Brasil Dilma Rousseff, em 2016.

Encerrando os textos que compõem o dossiê, Roberta Guimarães Peres e Ana Carolina Alves da Silva discorrem no artigo *O enfrentamento da violência de gênero a partir da Educação Básica* sobre o cenário atual de assincronias entre as políticas públicas e os estudos de gênero direcionados para a educação básica. As autoras nos instigam a refletir sobre o caráter fundamental da educação, como agente social impulsor da desconstrução do patriarcado, e por conseguinte, da violência de gênero.

Em síntese, o dossiê apresenta seis artigos com uma pluralidade de temas, mostrando como o tema “violência” permeia os mais diferentes aspectos da vida humana, e conseqüentemente, reflete na miríade de possibilidades de estudos nos campos dos conhecimentos diversos das chamadas Humanidades. Desse modo, pensamos ter o dossiê cumprido o seu papel primordial: reunir trabalhos com diversidade não apenas temática, mas também com diferentes recortes temporais e espaciais, além da variação de aspectos teóricos, metodológicos e de fontes.

Além dos artigos temáticos do Dossiê *Estudos sobre Violência*, a edição número 56 da Revista Cadernos do CEOM elenca ainda na seção de artigos de fluxo contínuo, os seguintes títulos: *Nova Museologia: aspectos históricos e características*, de autoria de Sidélia S. Teixeira e *Ser caboclo no oeste catarinense: representações de professores dos anos iniciais do ensino fundamental*, de Maria de Souza, Luci dos Santos Bernardi e Jorge Alejandro Santos.

Nota

1 A obra de Michel Foucault foi organizada por seus estudiosos em três momentos fundamentais: fase arqueológica, fase genealógica e a fase ética/estética. Para alguns apontamentos sobre essa análise, verificar Gomes (2012).

Referências

GOMES, Daniel de Oliveira. O último Foucault e o retorno transversal aos gregos. *Archai*, n. 9, p. 37-44, jul-dez, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais; Edições Vértice, 1987.

PERUZZOLO, Adair Caetano . Violência, Direitos e Cidadania. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 100. p. 83-102, 1990.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.